



III Encontro Nacional de Letras  
no Litoral Norte da Paraíba

## MULHERES NEGRAS IMIGRANTES NA DIÁSPORA: QUESTÕES DE TRABALHO VERSUS O SONHO AMERICANO EM CHIMAMANDA ADICHIE E JAMAICA KINCAID

III Encontro Nacional de Letras no Litoral Norte da Paraíba - ELLIN-PB, 3ª edição, de 08/05/2024 a 10/05/2024  
ISBN dos Anais: 978-65-5465-093-9

**WERNECK; Flávia Eduarda Santos<sup>1</sup>, FREIRE; Juliana Luna<sup>2</sup>, MAIOR; Maria Elizabeth Peregrino Souto<sup>3</sup>**

### RESUMO

#### MULHERES NEGRAS IMIGRANTES NA DIÁSPORA: QUESTÕES DE TRABALHO VERSUS O SONHO AMERICANO EM CHIMAMANDA ADICHIE E JAMAICA KINCAID

Flávia Eduarda Santos Werneck

(flaviawerneck77@gmail.com)

Universidade Federal da Paraíba

Juliana Luna Freire

(juliana.lunafreire@gmail.com)

Universidade Federal da Paraíba

Maria Elizabeth Peregrino Souto Maior

(mepsmm@academico.ufpb.br)

Universidade Federal da Paraíba

**Resumo:** O presente trabalho procura analisar as vivências de mulheres negras afrodiáspóricas e a subalternização da força laboral de imigrantes nos Estados Unidos através da representação na novela *Lucy* de Jamaica Kincaid (1991) e no conto “No Seu Pescoço” (2017) de Chimamanda Adichie. Um estudo comparativo, o artigo é baseado em abordagens teóricas de Angela Davis (1981), Lélia Gonzalez (2020), e Grada Kilomba (2008). Analisando as teorias e entendendo os seus reflexos nos corpos selecionados, verificamos a presença da exploração do trabalho de mulheres negras imigrantes no território estadunidense, e a conexão com o seu histórico colonial, imperialista e patriarcal. Além de identificar os mecanismos de resistência empregado pelas protagonistas, que procuram reafirmar sua identidade dentro do novo cenário que ocupam.

**Palavras-chave:** Imigração; Feminismo; Outremização; Diáspora; Trabalho;

### Introdução

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), flaviawerneck77@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), juliana.lunafreire@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mepsmm@academico.ufpb.br

Ao refletir sobre a importância das escritas de mulheres afro-diaspóricas contemporâneas somos expostos a realidades muitas vezes relegadas de espaços devidos, especialmente quanto à descentralização de discursos sobre questões de origem, gênero, raça e classe. Quando estas vertentes são focalizadas nas realidades do Sul Global, é ainda mais importante compreender as diferenças intrínsecas a essas vozes, quando procuram externar vivências específicas, mas por acreditarem na necessidade de se fazerem vistas em um cenário onde são constantemente oprimidas.

Assim, tais narrativas ficcionais indicam ainda a possibilidade de compreender como as vozes dessas escritoras diaspóricas servem para questionar discursos hegemônicos sobre raça, origem e gênero vindo do Sul para o Norte Global, com uma crítica tangente a como o sonho americano perpetua relações de colonialidade no trabalho de imigrantes mulheres. E é exatamente emergida nesta visão, que *Lucy*, de Jamaica Kincaid, e “No Seu Pescoço” de Chimamanda Adichie são analisadas nesta pesquisa. Na qual é buscada comprovar a presença de mecanismos de opressão no espaço geopolítico estadunidense sobre os corpos diaspóricos das protagonistas em seus locais de trabalho, assim como suas percepções e atos de resistência a esse padrão, e as implicações em suas identidades como seres sociais.

### **Autoras, obras e a América Ladina**

As obras de Jamaica Kincaid e Chimamanda Adichie trazem a perspectiva de mulheres negras imigrantes chegadas aos Estados Unidos, causando a quebra do sonho americano, quando são renegadas a espaços subalternizados no mercado de trabalho. As obras selecionadas refletem realidades existentes nos espaços geopolíticos das protagonistas, Ainda que duas obras ficcionais, a conexão com as biografias de Kincaid e Adichie é passível de observação, e os resultados podem ser utilizados para as análises neste presente trabalho.

A autora, professora e ativista Jamaica Kincaid nasceu em St. John, capital de Antígua, em 1949, e devido a questões econômicas da família se mudou aos dezenove anos para os Estados Unidos com o objetivo de trabalhar em regime integral na residência dos patrões como babá. Após graduar-se, Kincaid passa a trabalhar no meio jornalístico, o que revela sua verve artístico-literária desde a adolescência. Suas obras variam entre contos, romances e novelas, alcançando diferentes debates narrativos dentre identidade, imigração, feminismo e decolonialidade.

*Lucy*, novela publicada em 1991, acompanha a personagem homônima que, como a própria Kincaid, sai de Antígua em direção ao território estadunidense para trabalhar como babá de uma família branca estadunidense. Apesar dos primeiros sinais de encantamento com o novo país, Lucy rapidamente percebe que dentro deste novo contexto, o seu corpo como sujeito migrante é constantemente relegado a comentários xenófobos e estereotipados. Esses padrões não são relevados pela protagonista, que os combate verbalmente ao longo da narrativa, resistindo às tentativas de subalternização empregadas sobre ela. Ao mesmo tempo, Lucy revisita suas memórias da infância e da sua família que ficou no seu país de origem, sobre os quais os traumas continuam a afetar os seus padrões de relacionamento atuais.

Por outro lado, a nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie é uma autora, ativista e ensaísta, nascida em 1977 na cidade de Enugu. A escritora teve contato desde a infância com meios multiculturais que são retratados em suas obras, em que imprime forte valorização da sua cultura. Ainda assim, em uma de suas palestras mais famosas, Adichie relata como sua percepção sobre sua identidade e a do seu país foi afetada pela visão imperialista imposta pela influência das potências ocidentais, algo que conseguiu desconstruir com o passar dos anos. “Quando comecei a escrever, lá pelos sete anos de idade [...] escrevi exatamente o tipo de história que lia: todos os meus personagens eram brancos de olhos azuis, brincavam na neve, comiam maçãs [...]. Escrevia sobre isso apesar de eu morar na Nigéria.” (ADICHIE, 2019. p.7). Reconhecendo as diferentes imposições de histórico coloniais, Adichie utiliza deste cenário para criticar a colonialidade e a sua implicação nas sistemáticas nos indivíduos com origens similares às suas e de suas personagens.

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), flaviawerneck77@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), juliana.lunafreire@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mepsmm@academico.ufpb.br

Entre suas obras, que variam entre romances, ensaios e contos, está a coletânea “No Seu Pescoço” (*The Thing Around Your Neck*, em inglês), lançada em 2017, que reúne narrativas sobre vivências femininas e impasses identitários e culturais. No conto homônimo, a protagonista Akunna imigra para os Estados Unidos com o objetivo de cursar uma graduação e conseguir uma melhora socioeconômica para si e sua família. Entretanto, não demora muito a ser confrontada pelos primeiros indícios de opressão, advindo dos colegas da faculdade, da vizinhança e principalmente do tio. Esse último, que apesar do título, não possui nenhum grau de parentesco com Akunna, provoca a fuga da mesma da casa dele após uma tentativa de assédio sexual. Exposta à nova realidade na qual perdera o único vínculo familiar que acreditava possuir no novo país, a protagonista enfrenta dificuldades financeiras, lembrando a família e a vida que deixou para trás na Nigéria.

Partindo das exposições iniciais, estabeleceremos pontos de convergência possíveis entre as duas obras, uma vez que as duas narrativas enfocam as experiências de mulheres racializadas, recém-chegadas aos Estados Unidos, na tentativa de se integrar à sociedade que nem sempre as acolhe. Essas protagonistas, apesar de terem a princípio percepções otimistas sobre a vasta gama de oportunidades profissionais e melhoria de vida no país do Norte global, percebem como suas realidades de imigrantes impedem o alcance do tão almejado sonho americano. Aos fatores identitários que as coloca em posição de subalternizadas com frequência, serão somados fatores de classe e gênero que as outremiza e determinam como pessoas menos capazes aos olhos das outras. Somado a isso, também está o fato de serem provenientes de localidades do Sul Global, respectivamente Nigéria e Caribe. Regiões que, por carregarem em sua história um relacionamento de subalternização com o país estadunidense, têm a sua população relegada ao mesmo tratamento, principalmente quando focando nas oportunidades existentes dentro do mercado de trabalho.

Lélia González desenvolveu o termo América Ladina (2020), ao falar principalmente do Brasil. Mas ao expandir essa terminologia para os recortes estudados, é possível associar como meio de interseção entre estes, países que apesar de suas próprias singularidades, carregam similaridades em sua construção identitária afetada pelo tráfico negreiro, presença de colonização, imperialismo e opressão geopolítica.

A partir de observações até o momento, é comprovada a aproximação entre as protagonistas, como corpos diaspóricos que após acreditarem possível superar a sistematização colonial através do sonho americano, passam a ocupar espaços subalternizados nos EUA. Gonzalez também reitera em seus discursos a assimilação entre raça e gênero como fatores determinantes nas opressões sofridas pelas mulheres negras, e em seus mecanismos de resistência diários. Quando expõe as particularidades desses corpos na América Latina como Lucy, afirma que: “Falar de opressão da mulher latino-americana é falar de uma generalidade que esconde, enfatiza, que tira de cena a dura realidade vivida por milhões de mulheres que pagam um preço muito alto por não serem brancas” (GONZALEZ, 2020. p. 142).

Apesar do recorte geográfico, a observação é passível de aplicação à narrativa também de Lucy, pois as estruturas sociais e políticas ainda são supridas por indivíduos que têm suas vidas pré-determinadas por fatores como raça, gênero e classe. Ademais, a aplicação da citação referenciada também ganha uma camada a mais ao ter sua análise transportada para os EUA: o fato das mulheres presentes nos corpos de estudos serem imigrantes. As próximas seções buscam demonstrar a aproximação entre estes marcadores identitários e as implicações da influência estadunidense em imigrantes do Sul e as marcas da exploração da mão-de-obra de corpos femininos.

### **Diáspora e o sonho americano: imigrantes e a nova mão de obra subalternizada**

O conceito de diáspora é desenvolvido por Ashcroft, Griffiths e Tiffin (2013) através da Diáspora Africana, o ciclo de migração forçada cujo maior impulsionador foi o tráfico transatlântico de pessoas negras. A grande massa de capturas e sequestros de indivíduos em direção a colônias de

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), flaviawerneck77@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), juliana.lunafreire@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mepsmm@academico.ufpb.br

potências imperialistas tinha o objetivo primordial de alimentar os espaços coloniais com mão-de-obra a ser explorada. As marcas deste período histórico são inegáveis, e se perpetuam na construção das identidades de populações africanas ao redor do globo, onde as consequências dos anos de exploração e subalternização de corpos negros podem ser traçados até a contemporaneidade de modos distintos.

Estes aspectos são ainda mais relevantes quando analisados os espaços de trabalho ocupados por pessoas negras e imigrantes dentro dos Estados Unidos, que divergem por completo da imagem comercializada de um lugar de infinitas oportunidades exportadas país a fora. De maneira geral, as dificuldades enfrentadas são atualmente conhecidas, como exploração de mão de obra, direitos trabalhistas abrangentes e falta de remuneração adequada, ainda assim, milhares de imigrantes embarcam em direção aos Estados Unidos rotineiramente. Esse cenário é mantido pela influência estadunidense, que segundo análises, é perpetuada através de um mecanismo: a disseminação do sonho americano.

Implementado por volta dos anos 40, a ideologia do sonho americano propagava a imagem de que os Estados Unidos seriam uma terra de oportunidades inumeráveis. Com a representação de ideais sobre liberdade e comunidade, essas vertentes foram exportadas mundialmente através de produtos publicitários, propagandas políticas, além de materiais de mídia como filmes e séries, que promulgavam os EUA como uma "terra prometida". Através deste instrumento, a cultura estadunidense alcançava diferentes destinos, sendo espalhada através do globo, criando uma falsa conexão com os públicos atingidos por ela, principalmente populações de países de histórico colonial, que procuravam por alternativas para uma melhoria de suas condições financeiras e sociais.

Nesse sentido, a conexão entre passado e presente permanece, pois a Diáspora pode ainda ser observada na contínua migração de indivíduos do Sul para o Norte Global nos dias atuais. Tais imigrantes têm como destino os Estados Unidos, influenciados pelo ideal do sonho americano, e é justamente nesse cenário em que as protagonistas aparecem representadas em certos momentos de suas tramas. Akunna lembra dos encontros antes de deixar a Nigéria: "Nos amigos que tinham vindo se despedir de você, se regozijando porque você tinha ganhado a loteria do visto americano, confessando a inveja que sentiam. (ADICHIE, 2017. p.128)". Já Lucy compartilha suas percepções logo no início:

In a daydream I used to have, all these places were points of happiness to me; all these places were lifeboats to my small drowning soul, for I would imagine myself entering and leaving them, and just that— entering and leaving over and over again—would see me through a bad feeling I did not have a name for. (KINCAID, 2002. p. 6)

Dessa forma, O sonho americano serve como impulsionador para que a chegada de mão-de-obra barata continue existindo, e a loteria de visto é tida em transmutação, sendo o novo tráfico transatlântico. Em uma seleção de poucos para terem o "privilégio" de chegarem até os Estados Unidos, mascarando a dificuldade que seria sobreviver no espaço, e a dureza da vida real de imigrantes dentro do território estadunidense.

### **A exploração de mulheres negras: do colonialismo ao século XXI**

Em *Mulheres, raça e classe* (2016), Angela Davis faz uma cronologia na relação histórica entre mulheres negras e racializadas, os diversos acontecimentos dentro dos Estados Unidos e as opressões presentes. Ao relatar sobre o período de escravidão, Davis traça um ponto de inicialização para a posição subalternizada ocupada por mulheres negras. Podendo ser

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), flaviawerneck77@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), juliana.lunafreire@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mepsmm@academico.ufpb.br

identificadas como os primeiros corpos diaspóricos, trazidas à força para o novo país através do tráfico transatlântico, as mulheres escravizadas tinham uma posição duplamente oprimida dentro das *plantations* e a sociedade escravagista que as rodeava.

As mulheres negras eram desumanizadas no que diz respeito à sua posição como escravizadas. Desprovidos de condições básicas para sua sobrevivência, como alimentação e moradia, os escravizados eram obrigados a manter horas exaustivas de trabalho e contínua exploração, mas mulheres escravizadas eram relegadas a espaços ainda mais restritos. Ademais, a desumanização também estava presente na brutalização e comercialização de seus corpos. No caso das mulheres negras escravizadas, ganhava mais um nível: pois, ao mesmo tempo que eram submetidas à exploração sexual, seus corpos também eram tidos como máquinas de produções de bebês que se tornaram nova mão-de-obra para os senhores:

Mas as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas. (DAVIS. 2016. p. 25)

Ao compreender como indivíduos afrodiaspóricos foram introduzidos ao território dos Estados Unidos, e atentando para a dupla e talvez tripla exploração laboral de mulheres negras, é possível detectar um padrão vigente dentro do país e quiçá mundialmente. Afinal, os paradigmas instaurados dentro do cenário contemporâneo do país no que se diz sobre os espaços ocupados por imigrantes e tratamentos a elas ofertados, são estabelecidos no período colonial. “O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante [...] anos da escravidão. Como escravas, essas mulheres tinham todos os outros aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório. (Davis, 2016. p. 24)”

Mulheres semelhantes às protagonistas das obras analisadas, Lucy e Akunna, são subalternizadas pelos diferentes espaços identitários aos quais pertencem; são mulheres negras imigrantes do sul global, recém chegados ao espaço estadunidense. As conceitualizações sobre os países do Sul Global e suas populações são, na maioria das vezes, produzidos por visões arcaicas comandadas pela colonialidade de poder: “Elas perguntaram onde você tinha aprendido a falar inglês, se havia casas de verdade na África e se você já tinha visto um carro antes de vir para os Estados Unidos” (Adichie. pg. 126).

Dessa forma, os ambientes de trabalho podem ser compreendidos como um reflexo da hierarquização existente na sociedade onde corpos racializados ocupam o último nível de acesso a direitos sociais, políticos, e no caso deste recorte de análise, oportunidades de emprego. Davis demonstra como o espaço dos Estados Unidos é tido como promissor mas na verdade reduzido de chances aos imigrantes, que comumente enfrentam os maiores obstáculos. É justamente ao adicionar a categoria de imigrantes à identidade dessas mulheres negras, que as oportunidades de trabalho se tornam ainda mais escassas, e os salários mais baixos. Nesse aspecto, é mister entender como essa categorização distinta para os sujeitos imigrantes pode ser explicada através do conceito de outremização e analisar as implicações desta nas condições dos trabalhadores.

### **Outremização e o espaço de trabalho nos EUA**

Com a perspectiva do contexto mencionado, é possível verificar/analisar que as personagens Lucy e Akunna, como sujeitos imigrantes, possuem elos além da sua identidade afro-diaspórica. Em

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), flaviawerneck77@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), juliana.lunafreire@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mepsmm@academico.ufpb.br

adentrando o espaço estadunidense, logo identificam as sistemáticas de subalternização e suas percepções do sonho americano são esfaceladas, pois percebem que esse ideal é inatingível.

Ambas as personagens vivenciam, portanto, múltiplas opressões e são reféns da outremização, um padrão de comportamento muito presente em situações em que a balança entre sujeitos do norte e do sul global permanece desigual. Em *Memórias de Plantação* (2019), Grada Kilomba utiliza o termo o Outro para identificar sujeitos subalternizados. Marginalizado em todas as instâncias possíveis, o Outro é um indivíduo desprovido de uma caracterização humanizada por parte da sociedade geral. Atribuídos a comportamentos e identificações pré-estabelecidas, o Outro é distanciado do grupo social, em um processo que pode estar presente em diferentes âmbitos de integração social.

Em *Lucy*, a protagonista sofre com a outremização logo em sua chegada: “It was one night not long after I began to live with them that they began to call me a Visitor” (Kincaid, p. 12)”. Foi após as primeiras interações com a sua família hospedeira que, ao não compreender seu comportamento mais reservado, passou a chamá-la de “visitante”, criando uma distinção entre eles e ela. No conto “No Seu Pescoço” ao analisar uma recordação de Akunna sobre seu tio\*\* é comprovado como a outremização também é aplicada à outros indivíduos afro-diaspóricos. “ele contou como seus vizinhos comentaram, alguns meses depois que ele se mudou, que os esquilos haviam começado a desaparecer naquela área. Disseram que tinham ouvido falar que os africanos comiam todo tipo de animal selvagem.” (ADICHIE. pg. 126).

Esse mecanismo de subalternização também é presente dentro dos ambientes de trabalho ocupados pelas personagens. Como previamente exposto, o tratamento de indivíduos diaspóricos ao chegarem nos Estados Unidos vai contra toda a propaganda estipulada pelo país sobre sua relação com imigrantes. Dessa forma, as protagonistas acabam sendo relegadas a subempregos que não oferecem oficialização ou segurança.

O retrato feito por Jamaica Kincaid demonstra uma realidade extremamente presente, onde jovens saem dos seus países de origem para ocuparem o cargo de babá, ou sua versão mais contemporânea, *au pair*. Comercializado atualmente como uma forma mais barata de intercâmbio e com retorno financeiro, o programa de “viagem” tem como público principal mulheres e as agências de representação possuem diversos critérios, como idade entre 18-26 anos e falta de dependentes. Acreditando nas inúmeras oportunidades propostas, como uma viagem mais acessível, uma família como suporte e a chance de estudar e trabalhar por meio período, muitas dessas jovens acabam reféns em situações de exploração: horas exaustivas de trabalho, falta de matrícula em curso e até mesmo a suspensão do pagamento do salário.

O tratamento de Lucy como Outro também é presente pelo seu posicionamento na casa, pois, apesar de ser apontada como alguém que deveria ser considerada da família, não era verdade: “How nice everyone was to me, though, saying that I should regard them as my family and make myself at home” (KINCAID, 2002. p. 9). Entretanto, ela é posicionada no quarto de assistente do lar que, somente por sua localização nas casas, em cômodos geralmente minúsculos e anexos a cozinhas, já possui uma conotação ligada à subserviência e tratamento diferenciado. A opressão e subalternização parecem ser as principais marcas deste cargo, já que trabalhadoras do lar como Lucy não tinham direito a ocupar os principais quartos da casa, sendo pessoas desprovidas de um espaço pessoal digno:

The room in which I lay was a small room just off the kitchen—the maid’s room. I was used to a small room, but this was a different sort of small room. The ceiling was very high and the walls went all the way up to the ceiling, enclosing the room like a box—a box in which cargo traveling a long way should be shipped. (KINCAID, 2002. p. 8)

Na representação de Adichie, Akunna tem a intenção de permanecer na casa do conhecido da

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), flaviawerneck77@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), juliana.lunafreire@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mepsmm@academico.ufpb.br

família, enquanto frequenta as aulas em uma universidade comunitária e trabalha em um posto de gasolina próximo à moradia. Mas a situação é completamente mudada quando ela sofre a tentativa de abuso sexual por parte do dono da casa e, ao fugir na manhã seguinte, a protagonista vai para uma outra cidade, desprovida da rede de apoio que acreditaria ter, e dos seus planos iniciais.

Ao chegar em um restaurante em busca por emprego na cidade de Connecticut, Akunna fez uma oferta de ganhar dois dólares a menos que os outros funcionários, e é contratada. Em um dos momentos mais simbólicos das condições enfrentadas por imigrantes nos EUA, a passagem indica que as condições sugeridas por Akunna não são uma novidade para o gerente do estabelecimento, também imigrante. Além disso, comprova a frequência com que trabalhadores de outros países são aqueles recrutados para cargos insalubres e mal pagos, como os de atendentes, garçons ou serviços gerais: “O gerente, Juan [...] Disse [...] que todos os imigrantes trabalhavam duro. Ele sabia bem, pois já tinha estado naquela situação. Disse que lhe pagaria um dólar a menos, mas por fora; não gostava de todos aqueles impostos que lhe obrigavam a pagar. (ADICHIE, 2017. p. 127.)”.

Outras indicações da sua outremização também são observadas quando ela precisa desistir dos estudos: “você não tinha dinheiro para fazer faculdade, pois agora pagava aluguel pelo quartinho minúsculo com tapete manchado. [...] Connecticut não tinha universidade comunitária, e os créditos da universidade estadual eram caros demais” (ADICHIE, p. 128). Esse cenário é um exemplificação de uma realidade onde, devido às condições adversas envolvendo a subalternização ou opressão, imigrantes precisam fazer uma acomodação, muitas vezes sendo obrigados até a desistir de seus objetivos.

Ao transpassar a utopia do sonho americano, sujeitos imigrantes são rotineiramente expostos à dificuldade encontrada dentro do território estadunidense, onde as propagandas sobre baixos custos de vida, juros próximos ao negativo e acessibilidade abundante não refletem a realidade. Ao pensar nos seus familiares e presentes que acreditavam que estivesse gozando de vida farta e privilegiada agora em outro país, Akunna desmistifica essa visão: “Mas nunca tinha o dinheiro suficiente para comprar perfumes, roupas, bolsas e sapatos para todos e ainda assim pagar o aluguel com o que ganhava como garçoneiro [...]” (Adichie, p. 129).

Outro ponto importante a ser considerado é a subalternização do trabalho da protagonista como garçoneiro, uma vez que a imagem atrelada aos profissionais da área é bastante distorcida. Erroneamente entendidos como trabalhadores menos capacitados, são atribuídos a ideia “de servir” acima das circunstâncias, muitas vezes reféns de tratamento considerados inaceitáveis a outros cenários: “Quis escrever sobre como as pessoas [...] largavam algumas notas de um dólar amassadas sobre a mesa, como oferenda [...]” (ADICHIE, 2017. p. 129.). Com um salário muitas vezes abaixo do necessário, as gorjetas compõem uma parte extremamente representativa da renda de garçoneiros e garçons nos Estados Unidos. As notas amassadas representam a invisibilização destes profissionais, que precisam usar um dinheiro tratado com tanta displicência para seu sustento.

Com esses apontamentos é possível concluir como práticas de subalternização são aplicadas em corpos diaspóricos como das protagonistas das obras selecionadas. Lucy e Akunna são a representação de vivências enfrentadas por imigrantes, comandadas pela sistematização da opressão por fatores de raça, gênero e origem de espaço geopolítico. Ambas enfrentam a outremização, ferramenta de exclusão implementada dentro e fora dos Estados Unidos, em seus espaços de trabalho, onde seus traços identitários são atrelados a uma imagem de inferiorização. Se corpos de mulheres negras sofrem com o contínuo distanciamento delas de uma condição humanizada por parte da sociedade, os corpos de mulheres imigrantes negras, indígenas, ou de cor adicionam mais uma camada de opressão a esse cenário.

### **Atos de resistência: afirmação de identidade**

Com a percepção do não-pertencimento das protagonistas no meio cultural estadunidense através de sistemáticas de opressão, é necessário ressaltar que ambas desempenham mecanismos de

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), flaviawerneck77@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), juliana.lunafreire@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mepsmm@academico.ufpb.br

resistência à opressão. Esses atos são utilizados para reafirmar a humanização e identidade das personagens, uma vez que, dentro dos cenários que ocupam, são constantemente outremizadas.

Distintas em seus comportamentos, Lucy e Akunna utilizam formas quase opostas de resistência, mas que demonstram o desejo das duas em extinguir práticas de subalternização. Davis afirma como as táticas de resistência estão presentes desde a colonização, e em diferentes maneiras e âmbitos: “Em muitos casos, a resistência envolvia ações mais sutis do que revoltas, fugas e sabotagens. Incluía, por exemplo, aprender a ler e a escrever de forma clandestina, bem como a transmissão desse conhecimento aos demais.” (Davis, 2016. p. 34).

Em *Lucy*, a personagem tanto externa sua indignação com a outremização, como também contraria as figuras de autoridade. Quando a sua patroa Mariah, mãe das crianças que auxilia como babá, fala sobre sua fascinação por flores do tipo narciso, Lucy é levada de volta para sua infância. Retorna à sua época da escola, quando os alunos eram forçados a memorizar um poema de William Wordsworth, poeta romântico, como gesto de admiração ao império britânico. Ao invés de somente acompanhar a visão de Mariah, Lucy prontamente compartilha dos seus sentimentos que nada mais são do que a representação da cultura inglesa sendo forçada nas suas colônias. “I seemed to get my voice back. I said, 'Mariah, do you realize that at ten years of age I had to learn by heart a long poem about some flowers I would not see in real life until I was nineteen?’” (KINCAID, 2002. p. 21).

A protagonista Akunna possui um comportamento mais introspectivo, sendo assim suas ações de resistência ocupam um espaço mais direcionado às suas reflexões pessoais, ainda assim se tornam extremamente representativas. Em certa passagem é identificável como a personagem resiste ao discurso de outremização sobre sua aparência, cultura e percepção do continente africano: “Você sorria de um jeito forçado, enquanto elas faziam essas perguntas. Seu tio lhe disse que aquilo era esperado; uma mistura de ignorância e arrogância, foi como ele definiu.” (ADICHIE, 2017. p. 126.). Outra representação seria o momento que resistiu a tentativa de abuso pelo tio, fugindo para outra cidade. “Depois que você o empurrou para longe, ele se sentou na sua cama - a casa era dele, afinal de contas, sorriu e disse que você não era mais criança [...] Você se trancou no banheiro até que ele voltasse para cima e, na manhã seguinte você foi embora [...]” (ADICHIE, 2017. p. 127).

Usando os mecanismos de resistência para combater a subalternização aplicadas a elas, as protagonistas reiteram a sua posição como indivíduos sociais perante a imagem empregadas por conceitualizações coloniais e imperialistas. Lucy e Akunna rejeitam paradigmas baseados em ideais supremacistas e despertam da utopia de equidade do sonho americano. Inseridas nos contextos de trabalhadoras, as personagens de Kincaid e Adichie, compreendem seus espaços como mulheres negras imigrantes, e passam a desvendar sua identidade como sujeitos do Sul Global. Resistindo às diferentes implementações de exclusões dentro dos seus ambientes de convivência sociais, como seus locais de trabalho, e reivindicando a humanização de seus corpos.

### **Considerações finais**

A pesquisa procurou analisar os recortes literários estudados, refletindo na representação do espaço sócio-político mundial no que toca às diferentes formas de opressões em corpos femininos do Sul Global e seus mecanismos de resistência. Destacando a diáspora africana no período colonial, a mutação da mão de obra escravizada e a sua presença no século XX e XXI em frente ao cenário capitalista contemporâneo. Através das comparações, são averiguadas as vivências comuns às protagonistas diante do espaço geopolítico estadunidense e reconhecendo a falha na construção do sonho americano e impossibilidade de alcance do mesmo por sujeitos imigrantes.

As protagonistas são inseridas em espaços outremizados, onde são enxergadas na condição de não-humano pelos seus fatores identitários de origem, raça e gênero. Como corpos diaspóricos de mulheres negras, Lucy e Akunna passam a desempenhar funções laborais subalternizadas mas ao identificarem os os comportamentos de exclusão, ambas personagens passam a utilizar mecanismos de resistência, defendendo sua identidade. Por fim, através das obras de Kincaid e Adichie é possível compreender o alcance da influência estadunidense em comunidades

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), flaviawerneck77@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), juliana.lunafreire@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mepsmm@academico.ufpb.br



imigrantes, mas também a determinação de seus indivíduos a não aceitarem de maneira passiva discursos de outremização.

## Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *No Seu Pescoço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *Postcolonial Studies, the key concepts* (Third Edition). Nova York: Routledge, 2013.

CHICAGO HUMANITIES FESTIVAL. Jamaica Kincaid on writing, her life, and *The New Yorker*. YouTube, 2014.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo, Boitempo, 2016.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino americano*. RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GRADA, Kilomba. *Memórias de plantação*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KINCAID, Jamaica. *Lucy*. Nova York: Farrar Straus Giroux, 2002.

TUNCAN, Daria. Adichie, Chimamanda. *In: Dictionary of African Biography* (vol. 1: Abach-Brand). GATES JR, Henry Louis; AKYEAMPONG, Emmanuel K. (org.). New York e Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 94-95.

VORDA, Allan; KINCAID, Jamaica. "An Interview with Jamaica Kincaid." *Mississippi Review* 24, no. 3; 1996, p. 49-76.

**PALAVRAS-CHAVE:** imigracao, feminismo, outremizacao, diáspora, trabalho

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), flaviawerneck77@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), juliana.lunafreire@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mepsmm@academico.ufpb.br